

**ENTREVISTA COM O PROFESSOR PAULO RAMOS****Entrevistadores:****Lucas Piter Alves Costa – UEMG Carangola, MG****Amanda Cristine Corrêa Lopes Bitencourt – UEMG Carangola, MG****Alex Caldas Simões – IFES Venda Nova do Imigrante, ES**

O Prof. Paulo Ramos é professor associado IV do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2007). Possui pós-doutorados em Linguística (Universidade Estadual de Campinas, 2009-2011), em Comunicação (Universidade de São Paulo, 2012-2013) e em Tecnologia (Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2016-2017). É graduado em Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo (1995) e em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003). Na imprensa, trabalhou na "Folha de S.Paulo" (1994-1995), na TV Tribuna, afiliada da TV Globo (1996-2001) e na TV Cultura (2001-2003). Foi também consultor de língua portuguesa da "Folha de S.Paulo" e do portal UOL (2006-2008). Como docente, atuou na USP-Leste (2004), no cursinho Singular-Anglo (1991-2009) e nos cursos de Jornalismo e Relações Públicas da Universidade Metodista de São Paulo (2004-2009). É autor de "Tiras no Ensino" (Parábola Editorial, 2017), "Tiras Livres - Um Novo Gênero dos Quadrinhos" (Marca de Fantasia, 2014), "Revolução do Gibi - A Nova Cara dos Quadrinhos no Brasil" (Devir, 2012), "Faces do Humor - Uma Aproximação entre Piadas e Tiras" (Zarabatana Books, 2011), "Bienvenido - Um Passeio pelos Quadrinhos Argentinos" (Zarabatana Books, 2010, premiado com o Troféu HQMix de melhor livro teórico sobre quadrinhos), "A Leitura dos Quadrinhos" (Contexto, 2009, também premiado com o Troféu HQMix), co-organizador de "Muito Além dos Quadrinhos - Análises e Reflexões sobre a Nona Arte" (Devir, 2009), "Quadrinhos na Educação - Da Rejeição à Prática" (Contexto, 2009), "Quadrinhos e Literatura: Diálogos Possíveis" (Criativo, 2014) e "Enquadrand o Real: Ensaios sobre Quadrinhos (Auto)Biográficos, Históricos e Jornalísticos" (Criativo, 2016). Também é coautor de "Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula" (Contexto, 2010, 4 ed.). Atua nas linhas de pesquisa: Leituras Críticas de Histórias em Quadrinhos; Linguagem em Novos Contextos; Linguagem e Comunicação. (**Texto extraído da Plataforma Lattes**)

**Entrevista realizada para o dossiê temático – v. 6, n. 1, 2024: O uso de textos multimodais no ensino de línguas e literaturas: tensões entre teoria e prática.**

De maneira geral, entendemos a multimodalidade como a presença simultânea de vários modos de linguagem, que são colocados em interação, pelos comunicantes, na construção de sentidos. Com o avanço acelerado e a diversificação das mídias, tem sido cada vez mais consenso entre pesquisadores que a comunicação é uma atividade essencialmente multimodal. Das situações de comunicação mais simples até as mais tecnológicas, os comunicantes são impelidos a interagir simultaneamente com várias modalidades semióticas. Por consequência, não apenas o conteúdo do texto se faz importante na comunicação, mas o próprio meio se tornou passível de trazer sentidos, forçando os pesquisadores da linguagem a prestarem mais atenção às condições de produção, circulação e recepção dos discursos. Para dar conta de descrever e compreender esse fenômeno, conceitos são criados no quadro dos estudos da linguagem, tais como multissemiose, intersemiose, plurimodalidade, sincronicidade, multiletramentos, entre outros. Para a entrevista que se segue, as questões foram elaboradas buscando oferecer ao entrevistado liberdade para se situar nessa problemática segundo as concepções teóricas de sua preferência.

1. Você tem alguma vertente teórico-metodológica de preferência para o trabalho com línguas e/ou literaturas (o que for o caso) quando usa um texto multimodal?

**Paulo Ramos** – Temos procurado aproximar as questões relacionadas à multimodalidade à perspectiva teórica da Linguística Textual brasileira. Trabalhamos com a premissa de que os conceitos relacionados à área textual podem ser aplicados a produções compostas por mais de uma modalidade. Isso implica alguns ajustes. O principal é repensar parte do referencial teórico, aplicado inicialmente apenas para textos verbais. Os estudos com base nessa perspectiva têm sido feitos desde 2007, com resultados muito bons.

2. Em relação ao livro didático, que desafios você vislumbra no ensino de línguas e/ou literaturas quando um texto multimodal, como o dos quadrinhos, da publicidade, dos infográficos, etc., está presente?

**Paulo Ramos** – Diria que a multimodalidade sempre esteve presente nos textos. O que mudou foi que, agora, ela passou a ser percebida e analisada. Os livros didáticos refletem

diretamente esse comportamento. Mais ainda: tornou-se uma obrigação para eles a inclusão de produções multimodais. É algo que consta na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e, por consequência, nos editais de seleção de obras a serem levadas ao ensino básico, como o PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático). Do contrário, corre-se o risco de o livro não ser indicado e comprado. O desafio que se lança é o de os autores dessas obras trabalharem os textos multimodais pensando efetivamente na composição plural dessas produções. Não basta usar uma tira cômica ou uma publicidade, ambas compostas por mais de uma modalidade, para propor uma atividade baseada apenas no aspecto verbal. A construção dos sentidos é resultado do todo. Se essa articulação for bem planejada, os resultados podem ser bastante promissores. Tanto para os alunos quanto para os docentes que irão mediar essas práticas.

3. Você participa de algum núcleo acadêmico que discute a multimodalidade, em sentido amplo ou restrito?

**Paulo Ramos** – Como temos direcionado as pesquisas a histórias em quadrinhos, e por elas serem compostas por conteúdos verbais e visuais, analisar essa forma de produção sob o ângulo textual passa obrigatoriamente pela questão multimodal. Trata-se, portanto, de uma temática que acaba sendo levada aos grupos de pesquisa de que faço parte, ainda que indiretamente. É o que ocorre, por exemplo, nas participações no Observatório de Histórias em Quadrinhos da Universidade de São Paulo, de que faço parte. De forma mais direta, o tema é discutido junto aos orientandos de graduação e de pós-graduação que integram o Grupo de Pesquisa sobre Quadrinhos (Grupesq), que coordenamos na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), e, em âmbito nacional, com estudiosos do texto do GT de Linguística de Texto de Análise da Conversação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa (Anpoll).

4. Na sua opinião, os currículos dos cursos de licenciatura em Letras acompanham a realidade multifacetada dos meios de comunicação que estamos vivenciando?

**Paulo Ramos** – Diria que sim e que não. Sim: há docentes que já incorporaram as questões relacionadas à multimodalidade e que refletem essa nova perspectiva na condução de suas respectivas disciplinas, ainda que as emendas não explicitem diretamente o tema. Não: há grades curriculares ainda engessadas e que, talvez por isso,

levem os professores a replicarem perspectivas ancoradas somente nos conteúdos verbais. Mas é algo que os cursos precisam ter como norte. A realidade hoje é multimodal. Não levá-la à sala de aula ou discuti-la teoricamente gera um descompasso com o mundo como ele de fato é.

5. Qual o papel do professor de línguas e/ou literaturas em relação à formação dos discentes para a leitura e produção de textos multimodais?

**Paulo Ramos** – O professor, no nosso entender, entende que existam produções multimodais no mundo que nos rodeia e com as quais interagimos quase obrigatoriamente - basta olhar o papel social exercido pelos smartphones e como se dá o contato com os textos veiculados por eles. O ponto é como o docente irá se comportar em relação a isso. Se ignorar ou não incorporar, gera um deslocamento com a realidade, inclusive a do aluno. Se incorporar, tem o desafio de dar respostas teórico-metodológicas para explicar esses novos processos, o que nem sempre é tarefa fácil. Na forma como entendemos que deva ser o papel do professor-pesquisador, não deveria haver outro caminho que não fosse o de incorporar.

Agradecemos, em nome de toda a equipe da Sapiens, ao Prof. Dr. Paulo Ramos pela disponibilidade em conceder esta entrevista.

Os organizadores

Recebido em: **14/10/2024**

Aprovado em: **14/10/2024**